AS INFLUÊNCIAS DAS LUTAS SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS NAS INOVAÇÕES DAS QUADRILHAS JUNINAS

Anderson de Oliveira Firmino[1]
José Olímpio Ferreira Neto[2]

Resumo: Este artigo tem o objetivo de averiguar as influências das lutas sociais contemporâneas nas inovações que ocorrem nas quadrilhas juninas. Para cumprir essa tarefa, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa, por meio de uma busca exploratória em material bibliográfico, aliado a uma imersão (net)etnográfica por meio de material disponível em *sites* que veiculam material de grupos de quadrilhas. A questão central deste trabalho é a seguinte: Como as lutas sociais contemporâneas influenciam nas inovações das quadrilhas juninas? Como considerações finais, é possível afirmar que o movimento junino, por meio dos grupos e quadrilhas, desenvolve projetos capazes de trazer reflexões sobre a sociedade, valorizando a cultura local e sua identidade com pensamentos críticos, relacionados com atualidade ou até mesmo expondo problemáticas.

Palavras-chave: Quadrilhas Juninas, Lutas Sociais, Tradições, Cultura, LGBTQIA+.

1 INTRODUÇÃO

O movimento junino tem uma gênese agrária fincada na tradição europeia. Sua manifestação não se restringe apenas à apresentação de quadrilhas no mês de junho, mas sem dúvidas, esta é uma atração indissociável das festas juninas. A preparação dessas apresentações tem um planejamento que envolve aquisição de materiais, ensaios, entre outras atividades. Nos últimos anos, houve a necessidade da inserção de novas formas de produzir quadrilha. Neste sentido, um fato que se destaca é a estrutura organizacional, sendo que as quadrilhas devem estar filiadas a instituições que as representem legalmente, e que surgiram com o intuito de fortalecer o movimento junino, atendendo a novas regras (ALBUQUERQUE, 2013).

Estes fatores resultaram em ricas produções, não se dança apenas por diversão, agora há jurados e um público mais exigente e, consequentemente, as competições

[1] Aluno do Curso de Pedagogia da Universidade Cruzeiro do Sul. Graduação em Marketing pela Faculdade Padre Dourado. Especializando em Estética e Cosmetologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI. Instrutor na Área da Beleza no Serviço Nacional de Aprendizado – SENAC CE. E-mail: onimrif@hotmail.com.

[2] Aluno do Curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal do Ceará. Professor da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. Advogado. Especialista em Educação. Especializando em Direito Homoafetivo e de Gênero. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira em associação com o Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – PPGEF/UNILAB-IFCE. E-mail: jolimpioneto@hotmail.com.

tornaram-se acirradas entre os quadrilheiros. A hipótese deste trabalho é de que as quadrilhas podem ser influenciadas pelas lutas sociais contemporâneas trazendo inovações, direcionando para mudanças e releituras de suas tradições. Esta pesquisa se move pelo seguinte questionamento: Como as lutas sociais contemporâneas influenciam nas inovações das quadrilhas juninas? Para responder a essa questão foi estabelecido para este trabalho o objetivo de averiguar as influências das lutas sociais contemporâneas nas inovações que ocorrem nas quadrilhas juninas, manifestações da cultura popular brasileira.

Para alcançar esse objetivo, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa, por meio de uma busca exploratória em material bibliográfico, amparado em Gil (2008) aliado a uma imersão (net)etnográfica, com base em Mónico *et al*. (2017), por meio de material disponível em *sites* que veiculam material de grupos de quadrilhas, entre reportagens, fotos e vídeos.

No intuito de facilitar a exposição de ideias e alcançar o objetivo principal foi preciso conceber os seguintes objetivos específicos: apresentar a definição na literatura das categorias cultura, quadrilhas juninas e tradição; verificar quais as lutas sociais contemporâneas estão inseridas no contexto do movimento junino; analisar criticamente as apresentações de quadrilhas disponíveis na *Internet* para identificar os elementos influenciadores em sua estética. Esses objetivos foram divididos em três seções, além da Introdução e das Considerações Finais, a saber: Cultura, Quadrilhas Juninas e Tradição; As lutas sociais nas Quadrilhas Juninas; e por fim, Breve análise das inovações nas Quadrilhas Juninas.

2 CULTURA, QUADRILHAS JUNINAS E TRADIÇÃO

Nesta seção, o objetivo é apresentar a definição, encontrada na literatura, das categorias cultura, quadrilhas juninas e tradição. Inicialmente, é preciso tratar de uma categoria que engloba todas as outras, a cultura. Para definir ou conceituar cultura, é preciso arregimentar vários campos do conhecimento humano, tais como a antropologia, a sociologia e, até mesmo, a psicologia. Mintz (2010, p. 223) afirma que

> Define-se cultura como uma propriedade humana ímpar, baseada em uma forma simbólica, 'relacionada ao tempo', de comunicação, vida

> social, e a qualidade cumulativa de interação humana, permitindo que as ideias, a tecnologia e a cultura material se 'empilhem' no interior dos grupos humanos.

É possível identificar, no interior da comunidade e grupos juninos, as características de união e apoio que corroboram na firmação de compromisso, evidenciando a comunicação entre os seus membros e uma vida social, que se desenvolve em torno de um projeto pautado sobre uma temática específica. Há um esforço coletivo na produção cultural e na criação reverente dentro do contexto abordado, dividido em etapas que visam a sua concretização em um espetáculo.

> A quadrilha junina é uma dança coletiva de origem inglesa, que surgiu por volta dos séculos XIII e XIV. O contato cultural entre a França e a Inglaterra, durante a guerra dos Cem Anos, fez a França adotar a dança, que, levada para os palácios, tornou-se nobre, vindo a espalhar-se por toda a Europa, integrando as festas da nobreza (SILVA, 2009, p. 1).

Silva (2019) assinala que, no Brasil, esse movimento dançante foi trazido pela Corte Imperial Portuguesa, no século XIX. No entanto, os responsáveis por foram dois franceses, mestres de orquestras. Desde então, grupos de dança se formaram, ganhando adeptos e simpatizantes. Esse movimento não ficou restrito aos abastados do poder, a dança foi ganhando espaço no interior, tornando-se popular. Passaram, com a interiorização, a apresentar mais mudanças, pois saiu dos palácios e foi para o povo. É preciso destacar que as quadrilhas juninas não são movimentos exclusivos dos interiores, estão presentes nas grandes cidades, incluindo as capitais do país.

Os estudos de Giddens (2003) corroboram para entender que os aspectos relacionados à cultura se submetem ao tradicional, no qual tais fatores que se caracterizam e se solidificam dentre os princípios atribuídos e preservados na relação e convívio social. Há uma tendência de alguns grupos não serem susceptíveis às mudanças com o passar do tempo. Assim, há um embate entre o novo e o velho, de um lado há aqueles que presam por manter a cultura sem alteração e do outro aqueles que tentam "trazer o novo". Aliado a esse embate, o universo das mídias sociais tem influenciado esse processo, impulsionado pelo processo de globalização.

Dentro desse contexto, é possível entender que a heterogeneidade de uma comunidade é fortemente evidente e notória dentro dos grupos juninos. As apresentações das quadrilhas juninas, desde sua indumentária, da abertura até o

fechamento do ciclo percorrido, trazem vertentes de leitura da realidade, trazendo uma cultura, com aparência de homogeneidade, mas, de fato, muito diversa. Atualmente, é possível identificar que o processo de inovações referente às tradições, devido às influências tecnológicas, é nítido em todas as áreas. Isso traz uma dinâmica às manifestações culturais que aceleram o seu processo de transformação, sendo influenciadas, ainda, pelas demandas da sociedade, adaptando velhos costumes. Para compreender as transformações culturais, é possível dialogar com Hobsbawm (2015), que traz a conceito de "tradições inventadas", nas seguintes linhas:

> O termo 'tradição inventada' é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as 'tradições' realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitador e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez (HOBSBAWM, 2015, p. 07).

Nessa esteira, é possível visualizar transformações nas quadrilhas juninas, provocadas pelo diálogo com as lutas sociais contemporâneas, que podem trazer inovações para essa manifestação da cultura popular. Essas inovações não constroem uma nova manifestação. As quadrilhas continuam sendo quadrilhas, alinhadas às tradições, pois guardam uma ligação com o passado. Segundo Hobsbawm (2015, p. 08):

> Por 'tradições inventadas' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas, tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

Há um processo de modificação intrínseco que necessita de investigação e reflexão, pois é preciso compreender até que ponto essas alterações comprometem as tradições que se desenvolviam anteriormente. Aliado a essas questões, as inovações tecnológicas e as redes sociais fomentam essas transformações. Canclini (1997) enfatiza que as transformações culturais sofreram influências das novas tecnologias – responsáveis em promover também criatividade e inovação –, e das mudanças no processo de produção, meios de comunicação, além da expansão do espaço urbano.

O uso desses recursos tecnológicos, ferramentas, veículos de comunicação, passou a ser mais enfatizado no período de isolamento social causado pela pandemia de COVID-19. Diante desse cenário, aconteceu uma grande mudança onde as plataformas

digitais obtiveram crescimento significativo, as atividades realizadas de forma remota, por meio de lives, precisavam acontecer e manter a conexão das pessoas "próximas". As possíveis inovações trazidas pelas tecnologias e pelo diálogo com as lutas sociais podem contestar os paradigmas culturais, trazendo um novo posicionamento desses grupos e expressões em seus espetáculos que comunica ao público sua visão de mundo.

3 AS LUTAS SOCIAIS NAS QUADRILHAS JUNINAS

Nesta parte do texto, buscou-se verificar quais as lutas sociais contemporâneas estão inseridas no contexto do movimento junino. Inicialmente, a partir da observação participante de um dos signatários deste artigo, é possível descrever que as inovações nas quadrilhas juninas se apresentam, por meio da metáfora do lúdico, no qual homem vira mulher ou inverso, na criação de personagem. Nesse contexto, o gênero se tornar relativo aos olhos de quem vê, as tramas criam no público indagações que geram como resultados críticas, novos conceitos, percepções, analogias, paradoxos e uma série de emoções vividas e presenciadas em um espetáculo de quadrilha junina.

É possível verificar, sob a leitura de Hobsbawm (2015), que as quadrilhas juninas apresentam, em certa medida, uma referência com um passado histórico, uma ligação geográfica, étnica e temporal. No entanto, é preciso considerar as reações às novas situações sociais que surgem, que podem contestar as repetições obrigatórias exigidas pelos defensores da "verdadeira" tradição.

> O objetivo e a característica das 'tradições', inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O 'costume', nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história (HOBSBAWM, 2015, p. 08-09).

É nesse embate entre manutenção das tradições e o seu constante repensar que a cultura desenvolve sua dinamicidade em diálogo com a sociedade, influenciando e sendo influenciada. Almeida (2019) enfatiza que é preciso refletir sobre a ideia de consciência de classe que, na conjuntura que se esboça, não se pode desmembrar do

problema racial ou de questões relacionadas às lutas de gênero, sejam as feministas ou da população LGBTQIA+, que são entendidos como as novas bruxas ou aberrações, e perseguidos pelos serviçais do capital. De fato, essas lutas não são novas, apenas ganham novo fôlego e vêm à tona, expressas na arte e em diversas manifestações culturais, cada vez com mais espaço.

Em campo, foi possível observar as vestimentas, coreografia, "casais tradicionais", nos quais reverberam um posicionamento LGBTQIA+, por exemplo. A construção de elenco – brincantes – atendendo as necessidades atuais, com suas alegorias, performance e destaques, exaltando a beleza da miscigenação, entre outros adendos na formação, trazem respeito às diversidades. Essas ideias partem d equipe de produção que dá o suporte desde o planejamento até a materialização do espetáculo.

Na configuração do espetáculo junino, é notório a aproximação com o *habitus viril*, pois expressa uma tradição de gênese colonizadora, na qual pode gerar uma a supressão da feminilidade ou alocando a imagem feminina em um papel determinado. Dessa forma, pode-se pensar, na esteira de Bourdieu (2017, p. 79) que "A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo". Esse feminino é rechaçado quando expresso por homens cuja a orientação é homossexual, sendo neutralizado pela estrutura do *habitus viril*, dominante socialmente.

Segundo Bourdieu (2017) a sexualidade é uma invenção histórica, mas que se efetivou, pouco a pouco, dentro de lógicas específicas, materializadas em dominação simbólica, reverberando na divisão sexual do trabalho. As instituições tiveram papel fundamental nessa reprodução da divisão dos gêneros, por meio do Estado, ratificador e reforçador das prescrições e das proscrições do patriarcado privado ao lado de um patriarcado público que gere e regula a existência cotidiana.

> No caso extremo dos estados paternalistas e autoritários […] realizações acabadas da visão ultraconservadora que faz a família patriarcal o princípio e modelo da ordem social como ordem moral, fundamentada na preeminência absoluta dos homens em relação às mulheres, dos adultos em relação às crianças, e na identificação da moralidade com a força, da coragem com o domínio do corpo, lugar de tentações e desejos, os Estados modernos inscreveram no direito de família, especialmente nas regras que definem o estado civil dos cidadãos, todos os princípios fundamentais da visão androcêntrica

(BOURDIEU, 2017, p. 122).

As relações são, recorrentemente, dicotomizadas, postas em contraposição, estimulando as divisões e a sobreposição de um polo sobre o outro. A constituição dessas ideias partem de uma base patriarcal que sustenta a forma de sociabilidade do capital, estabelecem estruturas simbólicas que impedem qualquer forma de expressão que não estejam em consonância com os seus ideais. As quadrilhas, em seus espetáculos, podem reproduzir essa base patriarcal, pois representam uma tradição de raízes antigas, em outro giro, também podem trazer um olhar crítico para a reprodução destas tradições que rejeita a diversidade, pois como arte popular, tem a potência de revelar uma estética politizada.

4 BREVE ANÁLISE DAS INOVAÇÕES NAS QUADRILHAS JUNINAS

Nesta parte do texto, é iniciada uma análise crítica de apresentações de algumas quadrilhas juninas disponíveis na *Internet* para identificar os elementos influenciadores na estética. Foram escolhidas três quadrilhas, a partir da imersão pessoal de um dos autores signatários deste artigo, que conseguiu identificar, previamente, alguns elementos em análise presentes no espetáculo desses grupos juninos. O objetivo foi analisar criticamente as apresentações de quadrilhas disponíveis em *sites* e redes sociais para identificar se esses elementos são influenciadores de sua estética, verificando as possíveis inovações e modificações de suas tradições. A (net)etnografia, com fundamento em Mónico *et al*. (2017), possibilitou a visualização midiática dos registros de quadrilhas na rede mundial de computadores, para posterior análise. A três quadrilhas juninas escolhidas para a análise foram as seguintes: Quadrilha Junina Tradição, Quadrilha Junina Só o Mi e Quadrilha Girassol do Sertão.

A primeira análise é da Quadrilha Junina Tradição, da Zona Norte de Recife-PE, localizada no bairro Morro da Conceição, cujo o espetáculo, promovido para os festejos juninos de 2013, apresentava uma dramaturgia, no qual ocorreu um beijo e um casamento gay. É notório o caráter inovador, pois nunca uma quadrilha havia promovido uma releitura da concepção de família. Sempre há uma reprodução relacionada a uma família tradicional, de base heteronormativa (QUADRILHA..., 2013;

NO RECIFE..., 2013). Esse padrão das quadrilhas remete ao estado paternalista e autoritário, como o Brasil, onde essa manifestação se desenvolve e que reproduz, segundo Bourdieu (2017), a visão ultraconservadora da família patriarcal. Esse modelo de base patriarcal tenta dominar o corpo e suas expressões, limitando a liberdade humana com base em sua moral.

O espetáculo, intitulado "O bilhete premiado", da Quadrilha Tradição, acontece no mesmo ano em que o Conselho Nacional de Justiça (2013) se posicionou, favoravelmente, editando a Resolução nº 175, que obriga todos os cartórios brasileiros a fazerem o registro civil de casamentos homoafetivos. Isso demarca uma forte conexão com uma luta por direitos da população LGBTQIA+. Muitas quadrilhas são compostas por essa população. No entanto, contraditoriamente, precisam se adequar à estética patriarcal, onde o homem faz papel de homem e a mulher papel de mulher. Quando há inversões, é preciso caracterizar bem o personagem para que não deixe transparecer algo para além da concepção binária homem-mulher, limitando outras expressões artísticas e afetivas.

A Quadrilha Tradição, neste espetáculo, trouxe, momentos antes da apresentação, no qual ocorre a passagem de som, a música *I Will Survive*, de Gloria Gaynor (QUADRILHA..., 2013), ambientando os expectadores. Isso chamou atenção, pois a música é marca do movimento LGBTQIA+. Dentro do movimento junino, as músicas são de composição própria do grupo, geralmente músicas tradicionais, e são essas músicas que são tocadas, seja na apresentação ou na passagem de som.

Voltando à apresentação, a trama iniciou contando a história de Severino "Boca Virgem". Conforme a tradição, no mês de junho, quando acontecem grandes festejos em comemoração aos três santos populares: Santo Antônio, São Pedro e São João. O nosso protagonista Severino – segundo boatos seria homossexual – vindo de família tradicional, filho de mãe protestante e pai coronel "brabo", moradores de uma cidade do interior. A igreja da cidade precisava de reforma, então a data comemorativa trouxe a ideia de arrecadar fundos por meio da barraca do beijo. Essa preocupação da família de Severino em arranjar um casamento partiu dos comentários que circulavam na sociedade onde viviam. A mãe perspicaz identificou que o filho não conseguia ter interesse afetivo por ninguém. No evento, na barraca do beijo, Severino ganhou o

bilhete premiado e provaria de todos os beijos (corpo de baile feminino) e então se casaria nesta noite de São João (QUADRILHA..., 2013; NO RECIFE..., 2013). Cabe aqui a reflexão nesta situação em que a "moral e bons costumes" sucumbem vidas, amores, sonhos, vontades etc. que nos torna prisioneiros dentro de si, referindo este posicionamento os atores e elenco/corpo de baile (brincantes), os personagens literalmente viveram as experiências da vida real no palco.

Rodrigo Motta, o Severino da Quadrilha, afirmou em reportagem que foi um choque para sua mãe quando ele disse que era gay. No entanto, ela aceitou logo, pois já convivia com a quadrilha, a qual grande parte do elenco faz parte da população LGBTQIA+. Ainda assim, o pai protestante, ainda acha que isso é coisa do demônio. Por sua vez, Augusto Neves, o Frederico na quadrilha, disse que sua família o apoiava, mas ambos achavam que o tema seria um dilema em realizar um casamento gay (NO RECIFE..., 2013). Mesmo com uma forte presença da diversidade, por meio de suas lutas, ainda persiste um pensamento tradicional, de base heteronormativa, mesmo sabendo, na esteira de Hobsbawm (2015), que a tradição é uma constante invenção, muitos insistem em posturas engessadas.

A música na apresentação traz um maior vigor à proposta apresentada, garantindo ao expectador uma sincronia ao espetáculo, iniciando repertório. Ao som da música de Dominguinhos (2019) "[...] um beijo daquele grande / difícil me desgrudar / sai da frente estou chegando / doidinho para namorar". O corpo de baile dividido em masculino (os bilhetes) e feminino (os beijos), dos quais Severino provaria todos os beijos.

Figura 1 – Beijo e Casamento homoafetivos

Fonte: Instagram @denny_quadrilheiro

Fica evidente, pela observação do espetáculo, que o amor entre pessoas do mesmo sexo é trabalhada por poesia e romantismo para que a mensagem mesmo sendo polêmica, consiga tocar o expectador no âmbito reflexivo. Na hora do casamento, acontece algo inusitado, Severino se apaixona, profundamente, pelo vendedor de rosas, cujo nome é Frederico. Então, uma relação mútua surge entre os dois que acabam se casando. A figura 1 apresenta o beijo e o casamento homoafetivo, nos momentos finais da encenação, demarcando, assim, um posicionamento político, frente à questão.

A análise seguinte foi em torno do espetáculo "Viva São João, viva o respeito, viva a diversidade, viva do seu jeito", realizada no ano de 2019, pela Quadrilha Junina Só o Mi, da cidade de Fortaleza-CE. O espetáculo faz referência aos casos de homofobia e racismo, apontando as agressões no cotidiano. Há trechos, desde início da apresentação, que remetem aos casos recentes alertando fatores que promovem discussão e lutas pelas causas com foco na resistência na obtenção de direitos (JUNINA..., 2019).

O espetáculo apresenta uma trama que se baseia em acontecimentos cotidianos, por meio de relatos de notícias de crime. O crime em destaque pode ser categorizado como homofobia, no qual a vítima era uma travesti. Muitos países ainda tem a homossexualidade como um crime. No Brasil, a luta da população LGBTQIA+ vem conquistando espaço e o seu movimento estabelecendo direitos. Na Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão – ADO nº 26, julgada pelo Supremo Tribunal Federal, em 13 de junho de 2019, o crime de homofobia encontra guarida, durante esse intervalo de omissão, na Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor (BRASIL, 1989).

Logo após apresentação inicial, ocorre um momento de fala, no qual um dos integrantes do grupo faz discurso enaltecendo o respeito independente do como ser, se portar, posicionamento religioso, designação sobre etnia, classificação de gênero, poder aquisitivo entre outras questões que denunciam o as particularidades de cada indivíduo, sobre as quais não se pode julgar e nem dizer o que é certo ou errado, mas apenas respeitar (JUNINA..., 2019).

A figura 2 apresenta uma personagem de destaque, o marcador, levantando a bandeira LGBTQIA+, como resistência, apoiando a causa que o tema apresentado expôs e evidenciando, assim, uma proposta inovadora e questionadora da realidade.

Figura 2 – O marcador

Fonte: Instagram @junina_so_o_mi

Na evolução do espetáculo, a quadrilha busca trazer as músicas típicas e/ou tradicionais em relação ao movimento junino, destaque para outro ponto que enaltece a apresentação, a rainha, que causa uma explosão de cores, criando vínculo com a temática, trazendo um olhar diferenciado pelas causas que ainda sofrem repressão devido sua existência. A música de Pablo Vittar (2017) se encorpora à apresentação.

> [...] eu tenho outra íris / eu tenho outro olhar / é pra que a terra inteira possa admirar / por isso esse amor e esse orgulho / que a vida colocou dentro de mim / e não importa a cor do meu amor / é o arco-íris que me faz brilhar assim [...].

A colocação da letra entra no consenso de que a propriedade de ressignificar-se dentro da sociedade é absorver conhecimento onde a subjetividade contemporânea nos propõe no desenvolvimento e formação. Adota-se um pressuposto que o homem possui pluralidade cultural, baseado no contexto ao qual sua inserção social é vivenciada.

A última análise é em torno do espetáculo Quadrilha Girassol do Sertão, de 2018. O grupo é do Distrito de Flores, no Município de Russas-CE. Durante o espetáculo, o grupo levanta a bandeira que diz: "*Minha manifestação cultural também é política!*" A proposta inicial do seu espetáculo é fazer referência à Dandara dos Santos, travesti brutalmente assassinada no mês de fevereiro de 2017, que repercutiu em nível internacional, pela forma como o assassinato ocorreu no bairro Bom Jardim. Cinco acusados foram levados a júri popular pela violência, tortura e barbaridade na execução (ESTRÉIA..., 2018).

A escolha do tema polêmico foi feito como marca de comemoração aos 10 anos de existência do grupo, marcado por uma estética politizada. Segundo Alex Xavier, presidente do grupo: "*Criticamos a desvalorização da mulher, negros, pobres, gordos e mães solteiras. O que a gente busca é que haja uma representatividade dessas classes excluídas, já que o nosso nordeste é formado pelas minorias* […]" (DANDARA..., 2018).

Figura 3 – Dandara ao chão

Fonte: Instagram @girassolsosertaooficial

Na figura 3, é possível observar que a dramaturgia coreográfica foi elaborada para trazer fragmentos desta violência, causando uma repercussão, atribuindo elementos plausíveis na construção do espetáculo que tem como protagonista Dandara dos Santos, interpretada pela brincante Cíntia Freitas, rainha da quadrilha e mulher transexual, que afirma: "*Dandara Presente!*" Assim, esboça o cotidiano de preconceitos que a população LGBTQIA+ enfrenta.

> A forma particular de dominação simbólica de que são vítimas os homossexuais, marcados por um estigma que, diferentemente da cor da pele ou da feminilidade, pode ser ocultada (ou exibido), impõe-se através de atos coletivos de categorização que dão margem a diferenças significativas, negativamente marcadas, e com isso grupos ou categorias sociais estigmatizados. Como em certos tipos de racismo, ela assume, no caso, a forma de uma negação da sua existência pública, visível. A opressão como forma de 'invisibilidade' traduz uma recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida e reconhecida, sobretudo pelos direitos, e por uma estigmatização que só aparece de forma realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade (BOURDIEU, 2017, p. 166).

Essa forma de invisibilidade imposta por essa dominação simbólica de fundamento patriarcal corrobora para eliminar os traços de oposição. Essa homossexualidade que não se revela está na esteira do racismo velado, são

minimizados, podem existir e são normalizados, tolerados. Enquanto a denúncia do racismo às claras são silenciados com o mito da democracia racial, o homossexual às claras é rechaçado com censura moral. Essas formas de lutas são silenciadas e diminuídas, precisam encontrar guarida social para sua ampliação, precisa ser pauta, pois estão inserido nos diversos espaços sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, foi possível constatar que o movimento junino, por meio dos grupos e quadrilhas, desenvolve projetos capazes de trazer reflexões sobre a sociedade, valorizando a cultura local e sua identidade com pensamentos críticos, relacionados com atualidade ou até mesmo expondo problemáticas. A pesquisa bibliográfica exploratória foi fundamental para dar subsídios na elaboração textual que fundamentou este trabalho. O meio virtual se mostrou uma possibilidade de metodologia de pesquisa que expõe a cultura, por meio da observação de registros de apresentações.

As quadrilhas juninas esboçam uma práxis que exalta o lado social, econômico, político, gênero, raça etc. O processo híbrido contido na sociedade oferece pluralidade de pessoas e posicionamento. Há ainda a evidência de uma tradição que constantemente se reinventa, mas não abandona a ligação com as práticas do passado. Essa manifestação é capaz de se comunicar por meio de novas leituras que rompem com a dominação patriarcal.

Por fim, a partir dos achados nesta pesquisa, que denunciam preconceitos e fortalecem lutas, é indicada uma pesquisa sobre a formação básica e contínua dos líderes de quadrilhas e movimentos juninos, assim como de seus integrantes, no fito de evidenciar a cultura popular brasileira como um forte meio educacional que escapa às formalidades e tradições engessadas, trazendo a possibilidade de diálogo com as lutas sociais contemporâneas, respeitando as particularidades e oportunizando ideias inovadoras.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, T. K. A. de. **As quadrilhas juninas e suas transformações culturais nos festivais folclóricos em boa vista-roraima (2001-2011)**. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas. Amazonas, 2013.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo Estrutural** (Feminismos Plurais). São Paulo: Pólen, 2019.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. **Diário Oficial da União**. 06 jan. 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716compilado.htm. Acesso em: 04 abr. 2021.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013. Disponível em: https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/1754. Acesso em: 04 abr. 2021.

DANDARA dos Santos é homenageada por quadrilha junina de Russas. Diário do Nordeste. 03 jun. 2018. Disponível em: https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/dandara-dos-santos-e-homenageada-por-quadrilha-junina-de-russas-1.1948894. Acesso em: 04 abr. 2021.

DOMINGUINHOS. Quero Nem Saber. 20 ago. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0dpud69TCnM. Acesso 27 mar. 2021.

ESTRÉIA da Quadrilha Girassol do Sertão 2018. 1 jul. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0dpud69TCnM. Acesso 27 mar. 2021.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrole**: o que a globalização está fazendo de nós. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

HOBSBAWM, E. J. Introdução: A Invenção das Tradições. *In*: HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T. (org.). **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

JUNINA Só O MÍ - Festival Cearense de Quadrilhas 2019/FEQUAJUCE. 26 jul. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sQq9_DIbnGg. Acesso 27 mar. 2021.

MINTZ, S. W. Cultura: uma visão antropológica. **Tempo**, v.14 n.28, p. 223-237, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a10v1428.pdf. Acesso em: 26 mar. 2021.

MÓNICO, L.; ALFERES, V.; CASTRO, P.; PARREIRA, P. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. *In*: **Investigação Qualitativa em Ciências Sociais.** 6º CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 2017. **Anais [...]**. Salmanca, Espanha, 2017. Disponível em: https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1475. Acesso em: 17 abr. 2020.

NO RECIFE, quadrilha junina ousa com beijo gay em casamento matuto. **G1**. 15 jun. 2013. Disponível em: http://g1.globo.com/pernambuco/sao-joao/2013/noticia/2013/06/no-recife-quadrilha-junina-ousa-com-beijo-gay-em-casamento-matuto.html. acesso 27 mar. 2021.

PEREIRA, J. da S. N. Cultura popular brasileira: dança folclórica, o processo de ensino-aprendizagem da por meio da tecnologia multimídia. IX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE/ III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, **Anais [...]** 2009. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3109_1353.pdf. Acesso em: 26 mar. 2021.

QUADRILHA Junina Tradição 2013. 09 dez. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2v6sca8cJ-8&t=46s. Acesso 27 mar. 2021.

SILVA, D. da R.; FERREIRA, S. M. da P. Quadrilha Junina: reflexões entre o tradicional e o híbrido. **Asas da Palavra**, v. 16, n.1, p. 77-90, 2019. Disponível em: http://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/article/view/1388. Acesso em: 26 mar. 2021.

SILVA, P. S. Vida de quadrilheiro: notas etnográficas dos bastidores da Quadrilha Junina Século XX – Aracaju – SE. SEMINÁRIO DE ESTUDOS CULTURAIS, IDENTIDADES E RELAÇÕES INTERÉTNICAS. **Anais [...]** Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009. Disponível em: http://docplayer.com.br/28678984-Vida-de-quadrilheiro-notas-etnograficasdos-bastidores-da-quadrilha-junina-seculo-xx-aracaju-se.html. Acesso em: 24 mar. 2021.

VITTAR, Pablo. Preta Gil - Filhos Do Arco-Íris (feat. Pabllo Vittar). 17 jun. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=byvQDfDan0w&t=1s. Acesso 27 mar. 2021.